



VIVÊNCIAS QUE TRANSFORMAM: COMO O ESTÁGIO CONTRIBUIU PARA NOSSA CONSTRUÇÃO COMO EDUCADORAS.

Amanda Nascimento de Lima Pereira/UFMS¹

Daniela de Jesus Pereira/UFMS²

Prof^a Dr^a Fátima C. D. F. Cunha/UFMS³

RESUMO

Somos acadêmicas do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, campus de Aquidauana. Realizamos estágio obrigatório de concepção (observação) e vivência (regência) a partir do 5º semestre, ao longo do curso realizamos 04 estágios. Queremos demonstrar neste artigo as experiências, as nossas observações e os momentos gratificantes que só nos deram a certeza de que estamos no caminho certo. Para contribuir com a elaboração dessa escrita utilizamos vários artigos publicados nas plataformas digitais e autores da área tais como: Libâneo (2013), Paulo Freire (1996), Pimenta (1996) entre outros autores da área. Neste artigo iremos relatar a nossa observação e regência, bem como nossas experiências no estágio curricular obrigatório III, que mais nos marcou em nossa formação como futuras educadoras. Por meio dessa vivência, foi possível compreender com profundidade a complexidade do trabalho docente, os desafios enfrentados pelos profissionais da educação pública e, sobretudo, a importância de um olhar sensível e intencional sobre cada estudante. Concluímos que, a escuta ativa, a organização das atividades, o planejamento conjunto e a condução das aulas nos ensinaram que o ato de educar exige sensibilidade, responsabilidade e constante reflexão.

Palavras-chave: Estágio. Relato de Experiência. Educação.

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia, UFMS/CPAQ, email, amanda_nascimento@ufms.br

² Acadêmica do Curso de Pedagogia, UFMS/CPAQ, email, daniela_pereira@ufms.br

³ Orientadora Professora Dr^a Fátima Cristina D. Ferreira Cunha, UFMS/CPAQ, fatima.cunha@ufms.br

ABSTRACT

We are students of the Pedagogy course at the Federal University of Mato Grosso do Sul – UFMS, Aquidauana campus. We undertake a mandatory internship in design (observation) and practical experience (teaching) starting in the 5th semester; throughout the course, we complete 4 internships. In this article, we want to demonstrate the experiences, observations, and rewarding moments that only reinforce our certainty that we are on the right track. To contribute to the elaboration of this text, we used several articles published on digital platforms and authors in the field such as: Libâneo (2013), Paulo Freire (1996), Pimenta (1996), among other authors in the field. In this article, we will report on our observation and teaching practice, as well as our experiences during the mandatory curricular internship III, which most marked our training as future educators. Through this experience, it was possible to understand in depth the complexity of teaching work, the challenges faced by public education professionals, and, above all, the importance of a sensitive and intentional approach to each student. We concluded that active listening, organizing activities, joint planning, and conducting classes taught us that the act of educating requires sensitivity, responsibility, and constant reflection.

Keywords: Internship. Experience Report. Education.

1. INTRODUÇÃO

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada em 2017, representa um marco importante para a educação brasileira ao definir os direitos de aprendizagem e desenvolvimento de todos os estudantes da Educação Básica. Ela propõe uma formação integral, que articula competências cognitivas, sociais, emocionais e culturais, promovendo a construção de sujeitos críticos, autônomos e conscientes de seu papel na sociedade. Ao estabelecer como eixo central o desenvolvimento de competências, a BNCC valoriza não apenas os saberes acadêmicos, mas também as práticas pedagógicas que consideram o contexto, a diversidade e a realidade dos estudantes.

Nesse cenário, o estágio supervisionado no curso de Pedagogia assume um papel fundamental na formação docente, ao permitir que futuros educadores vivenciem, na prática, os princípios orientadores da BNCC. Mais do que aplicar conteúdos ou observar metodologias, o estágio é um espaço formativo em que a escuta, a empatia e a mediação do conhecimento tornam-se experiências concretas. É nesse contato direto com o ambiente escolar que a teoria encontra sentido e o compromisso com a aprendizagem dos alunos ganha forma.

Ao longo do Estágio Curricular Obrigatório III, realizado no Centro de Atendimento Integral à Criança e ao Adolescente Antônio Pace (CAIC), em Aquidauana-MS, tivemos a oportunidade de observar e atuar em turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Por meio dessa vivência, foi possível compreender com profundidade a complexidade do trabalho

docente, os desafios enfrentados pelos profissionais da educação pública e, sobretudo, a importância de um olhar sensível e intencional sobre cada estudante.

Guiadas pelos princípios da BNCC, que destacam a necessidade de garantir uma educação equitativa, significativa e contextualizada, nossas experiências de estágio foram marcadas pelo compromisso com a aprendizagem, com a inclusão e com a formação de vínculos humanos. Os relatos que seguem são testemunhos desse processo transformador — que nos revelou o verdadeiro sentido de sermos educadoras.

2. As Vivências no Estágio Supervisionado: Da Observação à Prática Transformadora

O estágio supervisionado constitui uma das etapas mais significativas e formativas da trajetória acadêmica no curso de Pedagogia. É nesse espaço que os conhecimentos teóricos acumulados ao longo dos semestres encontram a realidade concreta da sala de aula, permitindo uma imersão profunda no cotidiano escolar. Deixamos, então, o lugar da escuta passiva para assumir um papel mais ativo, observando, intervindo, planejando e, sobretudo, refletindo sobre o nosso fazer docente.

Segundo Libâneo (2013), a prática pedagógica não deve ser compreendida apenas como um conjunto de técnicas, mas como um processo crítico e intencional, que articula saberes e experiências em prol de uma educação significativa. O estágio, nesse sentido, é um laboratório de formação ética, humana e profissional, que nos desafia a lidar com a diversidade de realidades e a transformar dificuldades em aprendizado.

Foi com esse olhar que construímos nossa experiência no Estágio Obrigatório III, desenvolvido no Centro de Atendimento Integral à Criança e ao Adolescente Antônio Pace (CAIC), na cidade de Aquidauana-MS. Cada momento, cada interação com os alunos, com os docentes e com a equipe pedagógica, proporcionou um aprendizado prático que superou as expectativas iniciais. A escuta ativa, a organização das atividades, o planejamento conjunto e a condução das aulas nos ensinaram que o ato de educar exige sensibilidade, responsabilidade e constante reflexão.

A seguir, apresentamos nossos relatos individuais, iniciando com a experiência de Amanda, que atuou junto à turma do 1º ano do Ensino Fundamental, vivenciando uma rotina marcada pelo afeto, pela ludicidade e pelo desafio da alfabetização. Em seguida, será descrita a trajetória de Daniela, que acompanhou uma turma do 4º ano, observando de perto as estratégias de ensino, os métodos avaliativos e a mediação pedagógica diante de uma turma heterogênea.

3. Relato de Vivência – Amanda Nascimento de Lima Pereira

Vivenciar o cotidiano escolar através do estágio supervisionado foi uma experiência transformadora que ultrapassou a função de mera observação. Mais do que uma obrigação acadêmica, o estágio representou, para mim, Amanda Nascimento de Lima Pereira, uma oportunidade concreta de me reconhecer no papel de educadora, de experimentar os desafios da sala de aula e de construir, pouco a pouco, uma identidade docente pautada em valores, afetos e intencionalidade pedagógica.

Realizado no Centro de Atendimento Integral à Criança e ao Adolescente Antônio Pace (CAIC), localizado em Aquidauana/MS, o estágio foi desenvolvido junto à turma do 1º ano A do Ensino Fundamental. Desde os primeiros dias, percebi que aquela vivência me convidava não apenas a “aprender a ensinar”, mas sobretudo a escutar, refletir, adaptar e compreender o contexto de cada criança. O CAIC, como escola pública com forte presença de alunos em situação de vulnerabilidade social, mostrou-se um espaço de múltiplos desafios, mas também de múltiplas potências humanas e pedagógicas.

As atividades iniciavam todos os dias às 7h da manhã com um momento de oração e de contagem dos alunos, práticas que se tornavam rituais importantes de acolhimento e construção de vínculos. Observava com atenção a condução da professora regente, que atuava com um método predominantemente silábico, mas sempre buscando integrar abordagens lúdicas, afetivas e sensoriais. Percebi como o ambiente escolar se tornava mais acolhedor e estimulante quando a aprendizagem era mediada por jogos, músicas, histórias e brincadeiras. Em uma das atividades que mais me marcou, presenciei a realização de um bingo de palavras com nomes de frutas e animais. As crianças vibravam a cada descoberta, envolvidas por uma atmosfera de alegria e pertencimento.

Um momento marcante da minha experiência foi perceber a importância da gestão da sala de aula como espaço de equilíbrio entre disciplina e afetividade. A professora regente, com 30 anos de experiência, me ensinou que ensinar é, muitas vezes, mediar conflitos, lidar com a indisciplina e acolher realidades diversas — tudo isso sem perder a serenidade, o propósito e a escuta. Durante uma das conversas que tivemos, ela relatou os desafios da evasão escolar e da ausência das famílias no acompanhamento da aprendizagem, elementos que influenciam diretamente o rendimento e o comportamento dos estudantes. Esses relatos ecoaram em mim, pois me fizeram compreender que ser educadora exige não apenas domínio do conteúdo, mas uma atuação engajada com a comunidade e com a realidade dos alunos.

Essa vivência reforça a concepção de que o professor exerce um papel fundamental como mediador entre o conhecimento e o estudante. Como destaca Vygotsky (1984, p. 68),

“toda função no desenvolvimento cultural da criança aparece duas vezes: primeiro, no nível social e, depois, no nível individual (...). Todas as funções superiores originam-se nas relações reais entre indivíduos.” Assim, o professor é o agente que, ao interagir com o aluno, cria as condições para que os processos internos de aprendizagem se desenvolvam, tornando-se parte da formação integral do sujeito.

Os momentos de leitura coletiva, como o dia em que a professora trabalhou o poema “As Borboletas” de Vinicius de Moraes, ou os dias em que as crianças montavam palavras com letras móveis, revelaram como o conhecimento pode ser construído de forma afetiva, sensorial e significativa. A aprendizagem, ali, não era apenas uma reprodução de conteúdos, mas um processo vivo de descoberta e expressão.

Durante as semanas de estágio, participei também da utilização da sala de tecnologia, da leitura de histórias como “Chapeuzinho Vermelho”, do uso de vídeos educativos sobre o método fônico, e da realização de atividades interativas que estimulavam a alfabetização de forma concreta e contextualizada. Em todos esses momentos, pude observar o valor do planejamento com intencionalidade e da gestão do tempo pedagógico com sensibilidade.

A entrevista que realizei com a professora regente foi especialmente reveladora. Ao compartilhar suas práticas, ela evidenciou a importância do planejamento bimestral, da escuta pedagógica da coordenação e da necessidade de metodologias que considerem a diversidade da turma. Sua fala reforçou em mim o compromisso com uma prática docente ética, reflexiva e aberta à formação contínua.

Essa vivência contribuiu diretamente para minha formação como educadora altruísta e preparada. Altruísta, pois compreendi que ser professora é abrir mão de certezas e controlar expectativas para acolher o outro em sua inteireza. Preparada, porque vivenciei na prática a complexidade do planejamento, da gestão da sala de aula e da mediação pedagógica — não como idealizações teóricas, mas como demandas concretas do fazer docente.

Além da formação profissional, o estágio supervisionado teve um impacto profundo também na minha formação pessoal. Convivendo diariamente com os alunos, com suas histórias, fragilidades e conquistas, aprendi a reconhecer a educação como um campo de afetos, ética e compromisso com o outro. Compreendi que ser educadora não é apenas ensinar conteúdos, mas estar disponível para construir relações de cuidado, escuta e transformação. Como afirma Pimenta (1996, p. 18), “o estágio é um espaço privilegiado de formação pessoal e profissional, pois é nele que o futuro professor se depara com os desafios concretos do cotidiano escolar e com a necessidade de posicionar-se criticamente diante deles”. Essa

experiência me fez crescer como pessoa, tornando-me mais sensível, empática e comprometida com o papel social da educação.

Concluo que o estágio foi o terreno fértil onde as sementes plantadas ao longo do curso puderam germinar. Mais do que “ensinar”, aprendi a ser presença, a escutar, a planejar com sentido e a educar com afeto e propósito. Como diz Vygotsky (1984), “o aprendizado desperta uma série de processos internos de desenvolvimento que só operam quando a criança está em interação com pessoas no seu ambiente e em cooperação com seus pares”. Foi exatamente isso que vivenciei no CAIC: uma formação em interação, sensível às necessidades dos alunos, capaz de me transformar — de estudante para educadora.

4. Relato de Vivência – Daniela de Jesus Pereira

O Estágio Curricular Obrigatório III foi um marco na minha formação como futura educadora. Realizado no Centro de Atendimento Integral à Criança e ao Adolescente Antônio Pace (CAIC), em Aquidauana/MS, proporcionou muito mais do que uma imersão no ambiente escolar. Ela representou um mergulho profundo em minha própria identidade docente, ao mesmo tempo em que me desafiou a refletir, planejar e agir de forma responsável, sensível e transformadora diante das realidades vividas em sala de aula.

Atuei junto à turma do 4º ano do Ensino Fundamental, sob a orientação da professora regente. Desde o primeiro dia, fui recebida com acolhimento e envolvida nas rotinas escolares. As aulas ocorriam no período matutino, e minha presença diária permitiu acompanhar não apenas os conteúdos abordados, mas também o comportamento, os ritmos de aprendizagem e os desafios específicos enfrentados pela turma. As atividades de observação foram progressivamente se transformando em ações práticas, reflexivas e colaborativas.

Logo nos primeiros encontros, ficou evidente a dedicação da professora em conduzir o processo de ensino com clareza, planejamento e empatia. Em uma das primeiras aulas, a docente iniciou a correção de provas com base em uma estratégia inclusiva: permitiu que os alunos com notas baixas refizessem algumas questões em formato de atividade, garantindo uma nova oportunidade de aprendizagem. Essa atitude me ensinou, na prática, a importância da avaliação diagnóstica e da flexibilidade no processo educativo, alinhando-se ao pensamento de Vygotsky (1984, p. 110), para quem “o bom ensino é aquele que se adianta ao desenvolvimento”.

Ao longo do estágio, pude observar uma diversidade de metodologias utilizadas, com destaque para as aulas de matemática, produção textual e temas transversais. A professora trabalhou com a produção coletiva de um texto, incentivando os alunos a participarem com

ideias e contribuírem na construção do enredo. Essa abordagem valorizou os conhecimentos prévios dos estudantes e reforçou a importância da linguagem como instrumento de expressão e cidadania. Já ao abordar o tema da escravidão africana, a professora não apenas leu o texto com a turma, mas também promoveu uma discussão crítica, respeitando as opiniões dos alunos e incentivando o pensamento reflexivo. Essa prática me fez compreender como a história pode ser trabalhada com consciência social desde os primeiros anos do ensino fundamental.

Outras atividades, como a utilização de mapas para ensinar a organização territorial do Brasil ou rodas de conversa sobre etnias e espaços geográficos, demonstraram a relevância de inserir conteúdos interdisciplinares e contextuais, que ampliam a visão de mundo dos estudantes. Quando abordou os conceitos de etnia e raça, foi especialmente marcante: a professora fez perguntas abertas aos alunos e, com base em suas respostas, construiu uma explicação acessível e respeitosa. Houve grande engajamento, e percebi o quanto a escuta ativa e o respeito às experiências das crianças contribuem para o fortalecimento de uma educação inclusiva.

Além das práticas em sala, a realização da entrevista com a professora proporcionou uma compreensão mais aprofundada de sua atuação. Ela compartilhou que organiza seu planejamento com base bimestral e adota estratégias que mesclam métodos tradicionais e construtivistas. Também relatou os desafios enfrentados em sala, como a presença de alunos não alfabetizados em séries mais avançadas, o que exigia dela a retomada constante de conteúdos básicos, como letras, sílabas e fonemas. Esse relato ecoou em mim, pois me fez perceber que o planejamento docente deve ser vivo e adaptável, e que o papel do educador vai além da transmissão de conteúdos — ele é também mediador de processos, acolhedor de trajetórias e construtor de pontes entre saberes diversos.

Um aspecto relevante foi acompanhar a maneira como a professora promovia avaliações e atividades interativas, quando por exemplo, ela optou por fazer a correção de uma prova de português em grupo, concedendo pontos extras aos alunos que corrigirem suas próprias falhas. Essa estratégia, longe de ser apenas um recurso motivacional, revelou-se eficaz para o fortalecimento da autonomia e da autoestima dos estudantes.

Ao longo dos dias, fui me envolvendo também em pequenas tarefas pedagógicas, desde a preparação de materiais até a condução de momentos em sala. Essas vivências me proporcionaram segurança para pensar minha futura atuação de maneira mais consciente. O estágio me fez entender que educar exige coragem, preparo e humildade para aprender com os próprios erros.

A infraestrutura da escola também colaborou para uma experiência rica. Com espaços como sala de tecnologia, sala de leitura e auditório, o CAIC proporcionava possibilidades de dinamizar o ensino. No entanto, também foi possível perceber os desafios da escola pública: a carência de recursos materiais em algumas áreas, o número elevado de alunos por sala e a sobrecarga das professoras regentes são realidades que não podem ser ignoradas.

Uma das aprendizagens mais profundas que essa vivência me proporcionou foi o desenvolvimento da empatia enquanto ferramenta pedagógica e humana. Estar próxima dos alunos, escutá-los com atenção, entender suas dificuldades, respeitar seus tempos e suas histórias me transformou como pessoa e como futura professora. Ao observar a atuação da docente e vivenciar as realidades escolares de forma direta, compreendi que o ato de educar exige, acima de tudo, presença e sensibilidade. Como defende Freire (1996, p. 67), “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”, e esse respeito só é possível quando há um olhar genuinamente empático, que reconhece o outro como sujeito do processo de aprendizagem.

Por fim, ao elaborar este relato, percebo que minha formação foi marcada por uma evolução significativa. Aprendi a observar com sensibilidade, a planejar com intencionalidade e a intervir com responsabilidade. Como afirma Tardif (2014) “os saberes docentes são construídos na prática e pela prática, resultando de um processo constante de interação entre teoria, experiência e contexto”. E foi exatamente isso que o estágio me ensinou: a docência é mais do que uma profissão — é uma missão ética e social.

Sinto que o estágio me preparou não apenas para assumir uma sala de aula, mas para assumir uma postura de educadora comprometida com a aprendizagem, com o planejamento pedagógico eficaz e com uma gestão de sala pautada em empatia e respeito. Cada aluno que conheci, cada aula que presenciei, cada conversa que ouvi contribuiu para moldar a educadora que estou me tornando. A partir dessa vivência, estou mais pronta — não no sentido de ter todas as respostas, mas de buscar, com coragem e dedicação, os caminhos para construir uma educação significativa, transformadora e, sobretudo, humana.

5. A Escola e sua Gestão: Contribuições da entrevista com a Diretora Adjunta Vanessa Santana Macena

Compreender a gestão escolar a partir da prática cotidiana é essencial para a formação de educadoras comprometidas com o planejamento, a inclusão e o desenvolvimento integral dos alunos. No processo de solicitar a permissão para se fazer o estágio na escola, fomos recebidas pela diretora adjunta na sala da secretaria, onde também atua o diretor. Ela nos guiou pelos diferentes espaços da escola, explicando suas funções e as estratégias utilizadas para

atender às necessidades dos alunos. Um dos primeiros destaques foi a sala de reforço escolar, voltada ao atendimento de crianças com dificuldades na leitura e na escrita. O processo de encaminhamento é estruturado: a assistente de coordenação realiza avaliações individuais com os alunos, observando seu nível de aprendizagem e elaborando um relatório diagnóstico. Esse diagnóstico inicial, feito ainda no primeiro bimestre, permite mapear como os estudantes estão chegando da educação infantil para os anos iniciais do fundamental, e orientar intervenções mais efetivas.

Essa organização demonstra a atenção da gestão escolar à diversidade dos ritmos e trajetórias de aprendizagem, respeitando as particularidades de cada aluno. A professora responsável pelo reforço atua no contraturno, prestando atendimento personalizado, o que tem gerado avanços significativos no processo de alfabetização, segundo a equipe.

A escola também passou a contar com o Programa de Monitoria Voluntária, iniciativa da Secretaria de Educação. Acadêmicos universitários atuam como monitores duas vezes por semana, às terças e quintas-feiras, das 7h às 9h da manhã, oferecendo aulas de reforço para alunos do 2º ao 5º ano. Os estudantes são organizados em grupos de, no máximo, 10 crianças, com dificuldades específicas em leitura e escrita, identificadas por meio de acompanhamento pedagógico. Os monitores trabalham com materiais próprios e direcionados, e, ao final do programa, recebem certificado de horas complementares. A experiência tem se mostrado uma importante aliada no atendimento pedagógico individualizado, oferecendo suporte adicional às crianças que mais precisam.

Outro ponto importante foi a apresentação das salas de produção pedagógica, criadas para dar suporte aos docentes durante a hora-atividade. Há duas salas específicas: uma destinada aos professores do 1º ao 5º ano e outra aos do 6º ao 9º ano. Nessas salas, os professores podem planejar suas aulas, elaborar materiais, tirar cópias e, inclusive, usufruir de um momento de descanso. Em ambas, há uma coordenadora pedagógica que orienta, acompanha e apoia o trabalho dos docentes — uma estratégia que fortalece o vínculo entre coordenação e professorado, valorizando o planejamento coletivo e a formação continuada.

A escola também se destaca por sua atuação na educação especial. Há atendimento pedagógico e social voltado a alunos com laudo, com acompanhamento feito por professores de apoio em sala e por uma professora especializada que atua na sala de recurso multifuncional. Esse atendimento ocorre com hora marcada, é documentado com termo de consentimento dos responsáveis e inclui o uso de materiais específicos e atividades lúdicas, adaptadas ao nível de desenvolvimento de cada estudante.

Outro espaço que merece destaque é a sala de tecnologia, equipada com 20 computadores, sob responsabilidade de um professor efetivo. O uso do espaço é feito por agendamento, respeitando o planejamento de cada turma.

A escola possui o “Cantinho da Leitura”, criado em 2023 com o objetivo de estimular o gosto pela leitura desde os primeiros anos. Esse espaço foi desenvolvido com recursos oriundos do governo federal, por meio de um investimento autorizado pelo MEC, com repasse realizado pelo FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação) diretamente para as escolas. Os valores são destinados especificamente à montagem do cantinho da leitura, incluindo a compra de materiais pedagógicos e mobiliário. A medida que os alunos avançam, podem levar livros para casa, compartilhando as histórias com suas famílias. Como parte desse incentivo, a escola venceu um projeto do SENAR, conquistando livros e materiais adicionais para o espaço, destacando-se entre apenas duas instituições contempladas no município.

Essas ações revelam uma gestão que valoriza o planejamento, o desenvolvimento profissional docente, o protagonismo dos estudantes e o fortalecimento de vínculos com a comunidade. Como ressalta Lück (2009, p. 25), “a gestão escolar eficaz é aquela que articula os recursos e as pessoas em função da aprendizagem dos alunos, promovendo um ambiente de compromisso, participação e pertencimento”.

Vale ainda mencionar o apoio constante da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), que fornece suporte às formações, reconhecendo os esforços da gestão escolar. Um reflexo desse reconhecimento foi a conquista do Selo de Ouro, concedido pela SEMED, o que reforça o comprometimento da escola com a qualidade educacional.

Como nos ensina Freire (1996, p. 88), “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. Nesse contexto, a gestão atua como esse mediador organizacional que possibilita que a educação aconteça em sua plenitude. Essa vivência nos leva a refletir: como, enquanto futuras educadoras, podemos contribuir para uma gestão democrática e inclusiva a partir da sala de aula? De que forma nosso planejamento, sensibilidade e cooperação com a equipe escolar também compõem a construção de uma escola mais justa e significativa?

6. Conclusão

Concluímos, reconhecendo o quanto a prática vivenciada no estágio supervisionado ampliou nossa compreensão sobre o que significa, de fato, ser educadora. Mais do que uma exigência curricular, o Estágio Curricular Obrigatório III foi uma oportunidade concreta de dialogar com a realidade da escola pública, com suas potências e desafios, e de transformar

teoria em experiência viva. Ao longo dessa trajetória, guiadas pelos princípios da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), compreendemos que ensinar não é apenas transmitir conhecimentos, mas acolher, escutar, adaptar-se e construir pontes entre o conteúdo escolar e o contexto de vida dos alunos. A BNCC nos orienta a promover uma educação integral, pautada no desenvolvimento de competências e habilidades essenciais para a formação cidadã, e essa perspectiva esteve presente em cada atividade, cada mediação e cada vínculo construído em sala de aula.

A convivência com os alunos e com as professoras regentes nos fez refletir, agir com empatia e exercitar a escuta sensível. Observamos, planejamos, intervimos, e acima de tudo, aprendemos. Aprendemos que a educação exige preparo técnico, sim, mas também exige entrega emocional, responsabilidade social e um compromisso ético com o outro.

Saímos desta experiência transformadas. Levamos conosco os olhares das crianças, os gestos de acolhimento, os desafios enfrentados e as pequenas grandes conquistas diárias. Cada momento vivenciado se tornou um marco na construção de nossas identidades docentes. Estamos mais conscientes do nosso papel, mais comprometidas com uma prática reflexiva e mais determinadas a contribuir com uma educação que seja, verdadeiramente, significativa e transformadora.

Encerramos este trabalho com gratidão pelo caminho percorrido e com esperança no caminho que se inicia. Como futuras educadoras, reafirmamos nosso compromisso com uma prática pedagógica que respeite a diversidade, valorize o afeto e promova o desenvolvimento pleno de cada estudante — porque educar é, acima de tudo, um ato de amor, coragem e fé no potencial humano.

A realização do estágio curricular foi uma experiência profunda e transformadora, que nos permitiu integrar os conhecimentos teóricos com a prática real da sala de aula. Aqui iremos compartilhar os aprendizados adquiridos a partir das nossas vivências, evidenciando o quanto essa etapa contribuiu para a nossa formação como futuras educadoras.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 18 jul. 2025.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 26. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LÜCK, Heloísa. **Gestão escolar e qualidade da educação: uma abordagem baseada na aprendizagem e no sucesso dos alunos**. Petrópolis: Vozes, 2009.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

PIMENTA, Selma Garrido. **Estágio e docência: a relação necessária**. 3. ed. São Paulo: Cortez, Santos 1996.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1984.